



**NA FINAL
DA TAÇA**

BENFICA E ACADÉMICA

JOAQUIM AGOSTINHO
brilha em estradas estrangeiras



TAÇA DE PORTUGAL

O «SENHOR» JOSÉ AUGUSTO FOI UM «SENHOR» EM CAMPO

A certeza moral que ao Benfica podia atribuir-se de eliminar tranquilamente uma desgastada equipa da

campo, a monotonia em que o desafio descambou e o quanto constituiu de amestrar vulgar e inexpressiva,

A.C.U.F. estruturou-se num 4:4:2 com os dois extremos, Rogério e Madeira, a jogar junto a Pedro e Arnaldo. O



Abel e Coluna em atitude de expectativa diante de lance em que a bola é da C. U. F.

C. U. F. e ainda o calor do Verão que flagela Lisboa e arredores afastaram do Laradio o grande público. Mas os ausentes ter-se-iam dado por recompensados se pudessem medir, fora do campo, a monotonia em que o desafio descambou e o quanto constituiu de amestrar vulgar e inexpressiva, A.C.U.F. estruturou-se num 4:4:2 com os dois extremos, Rogério e Madeira, a jogar junto a Pedro e Arnaldo. O

MARCADORES
A segunda mão das meias-finais da «Taça» foi de fraca produtividade no que concerne aos golos obtidos. Apenas se marcaram cinco. Nenhum rematador a evidenciar-se, apenas merecendo referência a pontualidade de Eusébio a assinar a sua presença.

por **VITOR HUGO**

gir desgarrada, confusa, incapaz de vencer. Por culpa de quem? Própria ou do Benfica? Talvez pelos dois motivos. Com efeito, desconhece-se, com objectividade, onde começa o mérito de um xadrez de futebol e se inicia o demérito do contendor. Ambos os conjuntos se planificavam em ideias táticas totalmente diferentes.

Benfica optou por um 4:2:4 com flutuações para 4:3:3, através dos recuos, alternados, ora de Simões, ora de Jaime Graça, ora ainda de Eusébio. O melhor labor dos visitantes ficou a dever-se à sua superioridade no meio-campo, que não só facilitava o labor da defensiva, com posadas retenções de bola,

(Continua na pág. 6)



Avançada do... defesa Adolfo, com Bambo na perseguição

Últimos suspiros da «Taça». Após as eliminatórias disseminadas ao longo do «Nacional», a prova normalizou-se a partir dos oitavos-de-final. As surpresas, apanágio desta competição, apareceram com naturalidade.

A jornada de ontem, referente à segunda «mão» das meias-finais, confirmou o triunfo conimbricense sobre o Sporting, (1-0), agora sob a chefia do regressado Fernando Vaz, que se viu, deste modo, impedido de estar presente em mais uma final, e o empertigamento cufista a impor uma igualdade (2-2) aos campeões nacionais, depois de terem dois golos de vantagem ao intervalo.

Assim, mercê desses resultados, Associação Académica e Benfica estarão presentes, no próximo domingo, na sala de visitas do futebol nacional.

Recordemos que as últimas actuações destes conjuntos no relvado do Jamor tiveram adversário comum: o já tradicional finalista Vitória de Setúbal. Triunfo dos sadinos sobre os «encarnados» por 3-1, em 1965, e sobre os estudantes por 3-2, em 1967, após dramático prolongamento.

Para já, a Académica garantiu a sua participação na Taça das Taças, independentemente do resultado de domingo.

Ao atingir-se um quarto de prova, ainda não se encontram definidas as posições, muito embora alguns clubes já comecem a evidenciar-se. O azeite, misturado com a água, vem ao de cima...

No grupo A, Leixões e Salgueiros comandam. Os leixonenses ainda não perderam, enquanto que o Boavista, último classificado, não conseguiu adregar qualquer vitória.

O equilíbrio de valores também é evidente no grupo B. Torres Novas é o galego, seguido, a um ponto, do Tramagal, invicto, U. Lamas e Gouveia. No fundo, Vale-Cambrense não alcançou qualquer ponto.

Apenas o Atlético continua imbatido no grupo C, comandado pelo Benfica, Alhandra e Atlético. De salientar o quarto empate do Sporting.

Finalmente, no grupo D, o Vitória de Setúbal é «leader» autoritário. Apenas perdeu um ponto. Seixal e Sesimbra continuam sem vencer.

Terminados os campeonatos nacionais, e preste a findar a Taça de Portugal, a Taça Ribeiro dos Reis passa a açambarcar o interesse do adepto futebolístico. Talvez, então, a prova anime um pouco mais.

CONVENCEM OS ESTUDANTES...

Apasionante... A Académica, de negro vestida, entrou serena, a passo, em fila, no verdejante retângulo do Estádio Municipal. Das bancadas irrompeu o primeiro clamor na tarde cinzenta que envolvia Coimbra. Eram dignos os aplausos para quem em Lisboa vencera. Mas insuficientes para bulirem na aparatosa fúria de legítimos representantes da «Briosa».

Ao lado dos «leões», que regressaram ao figurino das meias segundo o estilo das camisolas, organizou-se o formal alinhamento dos cumprimentos para o...

dissociar-se da sua natureza, ali, a sofrer impressionante impacto. Agitáveis e humildes no seu orgulho, que o momento admitia irreverências, deram triunfal volta de Empurrados para isso. Agradecendo a formidável prestação de apreço que os seus prosélitos, especialmente colegas da Academia, lhes dispensaram. Escovei a electricidade que atrofiara o ambiente. Os próprios alunos, de brio gigantesco, comungaram no júbilo por mais experientes, no azeite e no vinagre do abraçaram, felicitando, os vencedores. Com simpatia Bonito. Educativo.

por FERNANDO SOROMENHO

camarote. O «capitão» Gervásio, usando uma braçadeira (a única) de pano amarelo, ergueu o braço na bela saudação, timbre dos veros desportistas. Os seus companheiros secundaram-no, de semblante sério. As ovações sucederam-se mais ovações...

Terminado o encontro, a justificar a classificação de magnífico, estalou o circunstancial verniz que os estudantes ostentavam para ensopear de generoso suor em acções de impecável disciplina. Então, com o público de pé, a aplaudir, eles, jovens que são adultos, não puderam

Dois pólos diferenciaram grande acontecimento futebolístico. Que consolida os adeptos. Mesmo os sportinguistas. Perderam de quem tanto pugnou para ganhar, sem empunharem cibusas, não envergonha quem, também, esbanjou para chamar a si essa honra.

De uma assentada, de qualificação e uma afirmação... Três conquistas de saboroso gosto. As presen-

(Continua na pág. 6)



Damas, guardião leonino, salta, protegido por um dos seus defesas, afastando o esférico que é perseguido por um atacante contrário

JOAQUIM AGOSTINHO «LEADER» DA VOLTA AO LUXEMBURGO

LUXEMBURGO, 16 — Joaquim Agostinho, o ciclista português que não pôde participar na Volta à Suíça, transformou-se no herói da Volta ao Luxemburgo, que hoje termina. Agostinho foi o grande animador da tirada de ontem, com 235 quilómetros, pelas terras acidentadas das Ardenas, entre Esch e Diekirch.

Mal se tinham percorrido 50 quilómetros quando o português arrancou do pelotão, em pedalada forte, numa subida, levando na cola o italiano Pechiellan e o francês Vasseur. À medida que a prova ia

decorrendo, o avanço de Agostinho foi-se tornando cada vez mais evidente. Até que o francês, incapaz de suportar o ritmo impetuoso por Agostinho, ficou para trás. O par de fugitivos manteve o andamento e, já na

minck, (Bélgica), 16 h 18 m 21 s.

• **AGOSTINHO RADIANTE COM O SEU EXITO SENSACIONAL**

Pouco depois de chegar à meta, ouvido pela Imprensa e pela Rádio, Joaquim Agostinho mostrava-se sorridente e declarava: «Consegui hoje o meu

melhor êxito, em provas internacionais por etapas. E verdade que sofri, dadas a extensão da etapa e as rampas que incluía, mas ainda se estava longe do fim quando tive a certeza de que o plano que estudei para a prova ia dar resultado. Daí em diante, só um grande contratempo me poderia impedir de ganhar, tal a vontade que sentia e a boa forma em que me encontro». — (ANI)

MEDALHA OLÍMPICA PARA JOSÉ FILIPE ABREU DO LISBOA GINÁSIO

Quase no final do Torneio Olímpico, o n.º 1 em a tarde realizado, foi pelos dirigentes federativos comunicado que o C. O. P. deliberou, por unanimidade, atribuir na presente época a medalha olímpica ao internacional de ginástica desportiva José Filipe Abreu, do Lisboa Ginásio Clube.



Na sua comunicação, o C. O. P. realça a dedicação e puro amorosismo do que foi escolhido para o melhor atleta olímpico do ano.

Ordem de chegada da tirada: 1.º, Pechiellan (Itália), 6 h 37 m 21 s; 2.º, Joaquim Agostinho (Portugal), 6 h 40 m 27 s.

CLASSIFICAÇÃO GERAL: Joaquim Agostinho, 16 h 14 m 48 s; Pechiellan, (Itália), 16 h 15 m 43 s; 3.º, Dolman (Holanda), 16 h 16 m 9 s; 4.º, Schmetz (Luxemburgo), 16 h 16 m 54 s; 5.º, Bolfava (Itália), 16 h 17 m 54 s; 6.º, R. de Vlae-



O madeirense Nunes escapava à defensiva alcantarense. O árbitro Ismael Baltasar parece desdenhar do lance

O MARÍTIMO MAIS PRÓXIMO DA VITÓRIA

A paupérrima exibição, aliada à falta de golos, tornou monótona uma partida

que se antevia com visível expectativa. Decepcionou-nos a exibição dos madeirenses. Fisicamente bem constituídos, revelam indisciplina técnico-táctica. Deixaram-se «embarcar» com a conquista do meio campo, de onde «ensaiaram» durante largos períodos, autênticos «tiros» às balizas de Botelho, com os quais nada conseguiram de positivo, a não ser alguns cantos.

Foi nestes pormenores que se verificou a «inocência» dos ilhéus, pois jamais tiveram um homem que pudesse variar as jogadas, balanceando os seus avançados com mutações constantes para assim poderem perfurar a defensiva dos alcantarense. Como que contentes com o resultado, limitavam-se ao seu «associação» em força.

Quanto ao Atlético, em nada contribuiu para que o espectáculo melhorasse. Ao sistema 5-2-3 do Marítimo, respondeu a equipa lisboeta com um 4-2-4 confuso. Na defesa tinha quase sempre

(Continua na pág. 6)

TAÇA RIBEIRO DOS REIS

UM BENFICA-SPORTING COM QUEZÍLIAS A MAIS

Aguardava-se com expectativa, este despique que punha frente a frente as equipas de reservas do Benfica e do Sporting.

E esse interesse ainda mais se adivinhava, pela pequena diferença pontual existente entre os dois velhos rivais.

No entanto, o jogo não corredeu, pois nem uma nem outra equipa demonstraram possuir um padrão de jogo definido, que pudesse dar uma ideia do valor que é de exigir a ambas.

O Benfica começou em boa velocidade com triangulações interessantes, superiorizando-se ao adversário.

Deste ascendente territorial, resultou um tento, aliás, com possibilidade de defesa para o guardião «leonino».

Após o tento, os «leões» reagiram muito bem, e passados poucos minutos, igualaram, também com culpas



Barroca defende com segurança

para o «keeper» «encarnado». Até final do primeiro

tempo, continuou a assistir-se a uma partida equilibrada, em jeito de paradas-respostas, com ambos os grupos a enveredarem por um jogo queziliano e falto, sem que o juiz da partida lhe pusesse cobro. Na segunda parte, o desatento de ambos os lados foi a nota dominante. Futebol desgarrado, sem chama e sem nenhum lance de verdadeiro futebol.

Ambas as equipas apresentaram um padrão de jogo pouco definido. Inclusive os médios de apoio não demonstraram discernimento técnico e tático, que pudesse galvanizar os avançados para o golo.

Só para o declinar o encontro, o Benfica se mostrou mais esclarecido, na tentativa de desfazer o resultado a seu favor, tentativa essa que resultou, porém, infrutífera.

Assim, e no termo do encontro, o empate traduz bem o teor da partida, visto nenhum dos conjuntos ter demonstrado capacidade para vencer.

No Benfica, Tomás, Vitor Martins, Pávao e Nené, foram os mais certos do conjunto. Bastos, Tejana, Jardim e Carolino, sobressaíram nos «leões». O árbitro, sr. Carlos Monteiro, de Setúbal, fez um trabalho muito sobre o fraco, nomeadamente no capítulo de disciplina pois permitiu agressões e jogadas perigosas de ambos os lados, sem que contudo tivesse expulsado ou repreendido os prevaricadores.

JOÃO LUIS MACHADO

O EMPATE DO BENFICA NO LAVRADIO

(Continuação da pág. 4)

mas também catapultava o jogo para os seus rápidos «pontas-de-lança», Monteiro e Capião-Mor.

A lentidão imposta pelo Benfica mais facilitou a C. U. F., que podia, dessa forma, montar a sua máquina, com as peças todas no seu lugar, a funcionar perfeitamente.

Quando, aos quinze minutos, a C. U. F. fez «um-ze-ro», esperava-se que o Benfica acordasse da letargia em que estava mergulhado, mas tal não sucedeu.

O JOGO DA TAPADINHA

(Continuação da pág. 5)

um homem de sobra (Murrças ou Valdemar) para na frente estarem em desvantagem. Botelho, sempre atento e decidido, Murrças aplicado e generoso, e Candeias, um autêntico incomformado, foram as figuras mais salientes no Atlético.

No Marítimo, toda a equipa cumpriu, mas a calma de Lomelino e a rudeza de Emanuel também deram nas vistas.

A parte alguns lapsos de pequena monta, esteve bem a arbitragem.

PEDRO MOUSINHO

EM SINTRA GANHOU O MENOS MAU

Não teve nada que o recomendasse, o jogo ontem disputado em Sintra. Ambas as equipas fizeram gala em jogar francamente mal, praticando um futebol que já não se usa. Pontapé para o ar e passes à toa foi a toada a que assistimos.

A equipa forasteira, mais feliz, foi a vencedora, mercê de um excelente golo de Abílio, na transformação de um livre. A vitória, no entanto, assenta-lhe bem, pois não decorrer dos noventa minutos foi a que criou mais perigo.

Na equipa vencedora, há a salientar a excelente actuação de Medeiros, que esteve incansável, num vai-vem desgastante. O trabalho de João e Abílio, dois atacantes que tiveram sempre na mente a baliza adversária, também é merecedor de referência.

AGUARDAVA-SE MAIS DO TORRIENSE

Contra a expectativa, a turma torriense exibiu-se frouxamente. Aliás, os alhandrenses não lhes foram superiores. Nivelamento. Ao estoicismo dos locais correspondeu um futebol desarticulado dos forasteiros, notando-se vincada falta de agressividade atacante, e que a ausência do ariete Serafim, por si só, não justifica.

O triunfo alhandrense acabou por ser merecido, na medida em que os seus jogadores mais se empenharam em adregar os pontos da vitória.

De salientar o modo assaz rude como a defensiva local se comportou.

Z. A.

Só por volta da meia hora os campeões nacionais deram um «ar da sua graça», pondo à prova as qualidades de Alinho. Dai até final da primeira parte, o equilíbrio foi a nota saliente. Houve, a par de uma quebra cufista, natural e proveniente da erosão do campeonato, uma subida benfiquista, pelo recuo de Eusébio, que com a sua fuga à mística e atenta defesa da C. U. F., se refugiou no «miolo», auxiliando-o e compensando, de certa maneira, a inferioridade numérica entre os dois meios-campos em presença. Apesar desta iniciativa, a C. U. F. não desperdiçou a oportunidade para aumentar a vantagem para 2-0, criando, para a segunda parte, um clima muito especial e inesperado.

Depois do intervalo, Torres entrou para o lugar de Abel. Não vimos, porém, grande melhoria na rentabilidade da equipa, que continuou como que adormecida e a ganhar — a eliminação — por 5-3. A saída de Jaime Graça, contudo, e a consequente entrada de José Augusto, isso sim, transformar-se-ia na «chicotada» que havia de levar o «onze» da Luz ao empate. Este golo tático de Otto Glória, bem visto, pois Jaime Graça denotava desde o princípio desusada apatia, aliado a um erro flagrante do árbitro, que deixou passar em claro um derrube de Hum-

berto Coelho a Monteiro, na grande área, alteraram o cariz da partida. Totalmente, José Augusto veio «arrumar a casa». Disciplinou a equipa, esclareceu-a e... libertou Eusébio. Entretanto, a equipa da C. U. F. (a baixar de rendimento a olhos vistos, pois a velocidade dos cam-pões aumentara e ia «roubando» as depauperadas energias dos cufistas) soufreu algumas alterações no seu xadrez, uma de autoria do técnico (Rogério — Sérgio) e outra imposta ao técnico (a lesão de Medeiros obrigava à entrada de Vietri Dias). Esta última com repercussão negativa no labor do conjunto.

O Benfica usou ainda outra arma, mortífera, que deixou por terra as aspirações da C. U. F., principalmente no tocante ao triunfo no jogo, que não na eliminação. Principiou a tentar o remate de fora da área, a fim de fazer avançar os defensores adversários e de pôr à prova os recursos de Alinho. O golo do Benfica nasceu, até, de um excelente pontapé de cerca de trinta metros, superiormente executado por «Toni».

Simões — que surpresa! — e Eusébio tentaram amidiadas vezes o remate de longe «provocando» o avanço dos defensores antagonistas, que acusavam também nítido desgast, e consequentes espaços vazios, onde se meteram, posteriormente, Eusébio, Simões e «Toni» — este tonificado pelo golo — que criaram sucessivas situações de perigo para Alinho. Numa dessas intromissões, Eusébio conseguiu obter o golo do empate, dando expressão certa à verdade de um «jogo» que não agradou, mas foi despertado pelos golos e marcha do «placard».

Nos últimos dez minutos da partida, a C. U. F. tentou a vitória, mas o Benfica, na mó de cima, não lhe permitiu veleidades, recreando-se com a bola.

A defesa do Benfica passou por dificuldades incontáveis. A insegurança de José Henrique fez com que os

quatro homens da defesa «desconfiassem» do seu guarda-redes. O apoio de Coloma ao bloco da retaguarda amenizou a intranquilidade.

«Toni», Eusébio e Simões foram os de rendimento mais positivo no decorrer de toda a partida José Augusto, porém, foi o «mestre-de-cerimónia».

Na C. U. F., Pedro e Arnaldo — o que já vem sendo hábito — e Monteiro estiveram alguns «furos» acima dos colegas.

Da arbitragem de Porfírio da Silva, francamente não gostámos. Muito bem nas faltas fora da área. Mal nas cometidas dentro da área. Como considera o juiz averiguar os derrubes a Monteiro (Humberto Coelho), a Simões (Castro) e a Eusébio (Arnaldo)?

VICTOR HUGO

«MUNDIAL» DE FUTEBOL

GRUPO 2

COPENHAGUE, 16 — A Dinamarca venceu ontem, nesta cidade, a Hungria por 3-2 (2-2 ao intervalo), na primeira mão de um encontro da fase preliminar do «Mundial» de futebol.

Depois deste resultado a classificação deste grupo é a seguinte:

1.º, Checoslováquia, 6 pontos e 4 jogos; 2.º, Hungria, 4 pontos e 3 jogos; 3.º, Dinamarca, 4 pontos e 4 jogos; 4.º, Eire, 0 pontos e 3 jogos.

GRUPO 8

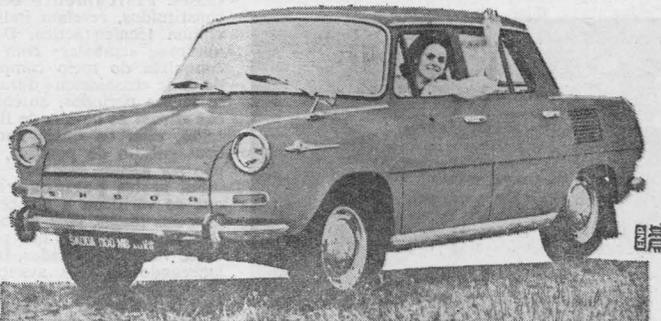
SOFIA, 16 — Em jogo de futebol de 1.º mão do grupo 8, de qualificação para a Taça do Mundo, a Bulgária venceu a Polónia por 4-1 (ao intervalo, 2-1).

Classificação deste grupo: 1.º, Bulgária, 6 pontos, 3 jogos; 2.º, Holanda, 6, 4; 3.º, Polónia, 2, 3; 4.º, Luxemburgo, 0, 4.

ŠKODA 1100 MB

um carro produzido na Checoslováquia

MODELO 1969



AGORA NA VERSÃO 1100 c.c.

Mecânica completamente remodelada • 4 Portas
• Nova suspensão • Mais cómodo • Maior conforto
e a mesma alta qualidade

Em exposição: **STOCK, LIMITADA** R. Luciano Cordeiro, 113 - Lisboa
R. Santa Catarina, 1393 - Porto

CONVENCEM OS ESTUDANTES...

(Continuação da pág. 5)

cas na Taça dos Vencedores de Taças e na final da Taça de Portugal e a demonstração esportiva de potencial colectivo de qualidade onde confluem valores individuais de excelentes predicados. De escol...

Embate impregnado de dinamismo. Viril, veloz e voluntarioso. Segundo os cânones da «Taça». Que é torneio inimigo de atitudes contemplativas, porque exige determinação, espírito de sacrifício. A tempera dos «robots»...

O golo era o alvo que interessava atingir. Em cheio. E quanto mais depressa melhor. Ao Sporting equivalia ao renascer da esperança ofendida em Alvalade. A Académica representava outro passo rumo ao Jamor. Dai, a vibração de choque que cortou a respiração dos espectadores. Fazendo-lhes quase esquecer a cadência certa dos 90 minutos. As vezes semelhante à eternidade... Na primeira parte ninguém pensou na segunda que teria de cumprir-se. «Não guardes para amanhã»...

Os «leões», surpreendentes no toque de bola à primeira, quer no endosso, quer na finalização, revelaram impeto nos seus movimentos ofensivos, mas a inoperância (os bons rematadores não se improvisam...) aliada ao extraordinário positivismo da dupla Belo-Vieira Nunes, exímios na antecipação e na mobilidade, e de Viegas, ágil como a pantera, frustrou uma mão-cheia de oportunidades. No flanco direito Marinho figurava a obra incompleta e no eixo do ataque existia o vazio, arrefecido pela lentidão e pela apatia. E da retaguarda não irrompia qualquer visita. Intempestiva e abraçadabrante.

Bem labutou o espantoso Gonçalves, filho de resistência atlética que se renova, para manter o ritmo que não devia conhecer hiatos. Sob pena de propiciar aos opositores a exemplificação de tecnicismo entontecedor. De resto, era forçoso impedir-se o robustecimento do golo de vantagem. Mas um Gonçalves só...

E ocorreu a segunda parte. Com menos doçura do que a primeira. O lance áspero, com assomos de queixilas, despontou de quando em quando. Tempestades em cálices delgados... Felizmente.

Nivelamento. No querer. Na teimosia. Nas intenções. A energia «leonina» contrastava com a subtilidade académica.

O ciclo das substituições — uma casca de banana para qualquer treinador... — começou, após o intervalo, com a entrada de José Morais para o lugar de Oliveira Duarte. E concluiu-se, ainda em relação ao Sporting, com a saída de Chico — ontem «ponta-de-lança» de recorte interessante, a pedir repetição — e a chamada de Barão. Aqui, residu o busilís da questão. Com 0-0, os «leões» prescindiram de um avançado para preferirem um médio. E dilaceraram a harmonia do dispositivo tático num borrão. Reduzindo a frente ofensiva. Pedras era incapaz de adregar o segundo fôlego e ser o complemento do atormentado Lourenço.

Antes, Peres, qual bôlide, substituiu Vitor Campos, incapaz de disfarçar o esgotamento físico. Que é título para enobrecer.

Pois bem. Da conjugação destes factores resultou, com a cumplicidade de Damas — guarda-redes que falha muito quando não deve falhar... —, o 1-0 (28 m.). E, pior do que isso, o afastamento dos lisboetas do torneio que tão ardorosamente namoraram. Concomitantemente, recrudescer a confiança académica, emoldurada de lucidez e de serenidade. O lançamento de Barão gerou embaraços posicionais. Ficou gente a mais num «miolo» de valimento... platónico, atendendo ao que o jogo reclamava. O panorama complicou-se quando Mário Campos — outro portento na abnegação entranhada — cedeu o lugar a Rocha. O velho e sabedor raposo... Estava-se no 36.º minuto. «Consumatum est»... Para quê, depois, no estertor da vibrante contenda, o acenar dos lenços? Um senão escusado. Infeliz.

A Académica, interiu-se já, formou um «onze» sólido. A transpirar personalidade. Sectores eficientes nas funções específicas. Consciência de valimento, tanto pessoal como colectivo.

Todos se equivaleram na eficácia. Viegas voltou a afirmar certeza de presença, no alinhamento dos postes e nas saídas da baliza. Curado regular e Marques a produzir a melhor exibição da época (das que lhe vi). Os «centrais» mesmo centrais nos elogios. As suas características ligam-se às mil maravilhas.

Excelente o binário R. Rodrigues-Gervásio, ambos a receberem válidas ajudas dos manos Campos. Conforme o futebol moderno manda.

Nenê foi uma bomba pronta, sempre, a explodir e Manuel António, pelas suas insistências (corre que se farta) não deixou de ser problema para a defesa lisboeta.

Com rematadores certos, o Sporting teria sido a equipa que se adivinha vir a ser uma probabilidade. O novo treinador lima as arestas do pessoalismo e da lentidão. Algo já fez em tão curto espaço de tempo. A dispensa de Chico, todavia, causou espécie...

Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos, Hilário e, sobretudo, Gonçalves foram os melhores num conjunto voluntarioso que muito lutou. Com impressiva honestidade.

O sr. José Alexandre arbitrou, sem agradar totalmente. Mas não foi uma calamidade. Soube evitar a indisciplina. Um senão a apontar: consentir que Viegas envergasse camisola azul-escuro, o que se prestou a confusões com os seus colegas de equipa.

F. S.

PROVAS DA A. F. L. DE SETÚBAL

Em Setúbal disputou-se a quarta jornada da fase final do campeonato da II Divisão: Quinas, 2-Comércio e Indústria, 0; Beira-Mar, 1-Pinhal-Novense, 2.

Em amadores, o Independente da Lomba, ao derrotar o Vila Chã por 4-0, qualificou-se para disputar a final, em duas mãos, com o Águias Negras.